

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOSÉ NASCIMENTO: NEM VERDADE, NEM MENTIRA
3 de outubro de 2024

MANOEL DE OLIVEIRA: 50 ANOS DE CARREIRA / 1981

Um filme de AUGUSTO M. SEABRA e JOSÉ NASCIMENTO

Coordenação: Augusto M. Seabra (creditado como Augusto Seabra) e José Nascimento / *Realização e montagem:* José Nascimento (não creditada) / *Argumento:* Augusto M. Seabra (não creditado) / *Imagem:* João Abel Aboim / *Assistente de imagem:* Octávio Espírito Santo (não creditado) / *Som:* Carlos Alberto Lopes / *Com:* Manoel de Oliveira, Alberto Seixas Santos, Alves da Costa, António Lopes Ribeiro, Henrique Espírito Santo, Manuel Costa e Silva, António Casimiro, João Bénard da Costa, Lia Gama, Agustina Bessa-Luís.

Uma coprodução: ECRAN/RTP – subdepartamento de filmes, séries e documentários / *Produtor pela RTP:* José Manuel Alves da Silva / *Produção executiva:* Miguel Cardoso / *Cópia:* RTP Arquivos, digital, cor, falada em português / *Duração:* 51 minutos / *Primeira emissão televisiva:* 19 de setembro de 1981, RTP 1 / *Primeira exibição na Cinemateca:* 7 de janeiro de 2019 (Manoel de Oliveira: Integral).

TV ARTES [EXCERDOS] / 1992-93

Programas de ISABEL COLAÇO, ALEXANDRE MELO e JOSÉ NASCIMENTO

Realização: José Nascimento / *Autoria:* Isabel Colaço e Alexandre Melo / *Seleção musical:* Amândio Coroado / *Colaboração técnica:* Filipe Baptista, Miguel Barreto, Nuno Colaço, Dulce Guerreirinho, Paulo Ponte, Filipe Rodrigues, Paulo Cláudio, Paulo Simas / *Com:* Alexandre Melo, Jorge Martins, Fernando Pernes, Rui Sanches, Gerardo Burmester, Rui Chafes, Pedro Portugal, Julião Sarmento, Pedro Cabrita Reis, Pedro Casqueiro, Pedro Proença e Pedro Calapez.

Produção: Zebra Filmes para o Departamento de Programas de Artes e Musicais da RTP / *Assistente de produção:* Nuno Colaço / *Secretária de produção:* Elisabeth Duarte / *Cópia:* compilação de sequências de vários episódios, RTP Arquivos, digital, cor, falada em português / *Duração:* 60 minutos / *Primeira emissão televisiva dos episódios de onde provêm os excertos:* 30 de setembro e 11 de novembro de 1992, 17 de fevereiro de 1992, RTP 1 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

Duração total da sessão: 111 minutos

Sessão com a presença de José Nascimento e Alexandre Melo.

MANOEL DE OLIVEIRA: 50 ANOS DE CARREIRA

Em 1981 passavam cinquenta anos da estreia de **Douro, Faina Fluvial**, e a efeméride justificou este pequeno filme feito para RTP, onde passou no quadro de um *magazine* cultural chamado *ECRAN*. Augusto M. Seabra, crítico, e José Nascimento, realizador, chamaram a si a coordenação e autoria daquele que terá um dos primeiros objetos concebidos especificamente em torno do cinema de Manoel de Oliveira.

Oliveira, que vivia então um momento alto em termos de reconhecimento público, nacional e internacional. **Amor de Perdição**, em 1978, fora tão polémico em Portugal como aclamado no estrangeiro, e marcou decisivamente o início da atenção da crítica internacional ao trabalho do realizador; e **Francisca**, que estrearia nesse mesmo ano de 1981, seria um inopinado sucesso de público em Portugal.

É claro que ninguém previa a longevidade de Oliveira, muito menos o facto de em 1981, e no momento em que cumpria "50 Anos de Carreira", a maior parte da sua obra estar ainda por fazer (porque só justamente a partir desta altura é que o cineasta entrou naquele inacreditável ritmo produtivo das últimas décadas). Mas nem isso, o carácter forçosamente parcelar da análise da obra, obsta à validade deste pequeno filme.

Vive de documentos preciosos, os depoimentos de colaboradores do realizador (da cúmplice Agustina à atriz Lia Gama, passando pelo operador Manuel Costa e Silva) e os depoimentos de críticos e observadores particularmente atentos à sua obra (Alberto Seixas Santos, Henrique Alves Costa, João Bénard da Costa). E obviamente do próprio Oliveira, no máximo da sua energia espirituosa e mordaz, quer no que diz, retrospectivamente, sobre os tempos passados, quer no que tem a comentar sobre os aspetos e mais essências do seu cinema.

Acaba, no que parece um momento *impromptu*, e denunciando a presença da câmara em frente dele, a repetir um dos seus credos mais decisivos "o cinema não existe, só existe o teatro", e o teatro é tudo o que o cinema pode filmar.

Luís Miguel Oliveira

TV ARTES [EXCERTOS]

Os percursos cinematográfico e televisivo de José Nascimento são indestrinçáveis. Não só porque muitos dos seus filmes "para cinema" são/foram influenciados (ou respondem) a trabalhos televisivos, mas porque, durante muito tempo, as diferenças entre um *media* e outro eram irrelevantes – quando os programas televisivos eram rodados em película (16mm) e tinham uma segunda vida em salas de cinema. Daí que o interesse dos vários trabalhos que Nascimento fez no contexto de programas como *Ensaio* (1972-1973), *Impacto* (1972-1974), *Nome Mulher* (1974-1976), *Ver e Pensar* (1974-1976), *Binário* (1979-1980) e *ECRAN* (1981) – para apenas citar os mais relevantes – vai muito mais além das condicionantes típicas da mera tarefa "audiovisual". É certo que a televisão era outra, tinha outros propósitos e outras pretensões – e já nada disso subsiste. No entanto, não convém reduzir o interesse da participação de José Nascimento enquanto "realizador para televisão" apenas ao período revolucionário e pós-revolucionário. A relação com a televisão manteve-se ao longo dos anos – e ao longo desses anos a relação ganhou novos contornos. O caso mais evidente dessa "transformação" encontra-se no programa *TV Artes*, para o qual José Nascimento realizou cerca de uma dezena de episódios entre 1992 e 1993 (durante a sua primeira temporada – depois, em meados de 1993, alteram-lhe o título, *Ver Artes*, e o realizador residente para a ser Luís Alves de Matos).

Concebido por Isabel Colaço (da produtora Zebra Filmes) e pelo crítico de arte e curador Alexandre Melo, este foi um dos primeiros *magazines* culturais da televisão pública – senão o primeiro – inteiramente dedicado às artes plásticas e às práticas contemporâneas. Quinzenalmente, o *TV Artes* visitava exposições em galerias, museus e bienais, conversando com curadores, críticos e – mais importante – com os próprios artistas. Invariavelmente apresentado por Alexandre Melo, o programa (que nas suas diferentes variações resistiu até 1996) produziu um completíssimo panorama na cena artística nacional desses inícios de 1990 – tanto no que se mostrava, mas especialmente no que se fazia.

Claro que a abordagem a tal temática poderia cair facilmente em reportagens anónimas onde se entrecruzavam "cabeças falantes" com vistas de exposições. Como dar então "graça" à gravidade branca do espaço expositivo? A resposta de José Nascimento passou por uma relação lúdica com os objetos, com o espaço em que estes se apresentavam e com os próprios artistas. Os episódios que realizou estão cheios de pequenos jogos subversivos: a câmara que se revela no espelho, o enquadramento que subitamente amputa o entrevistado, a introdução de elementos gráficos sobre as imagens, a relação do entrevistado com o espaço (Alexandre Melo que apresenta o programa enquanto deambula por entre as peças suspensas de Hélio Oiticica, Rui Chafes num *jogo de sombras* com o próprio espaço expositivo, Pedro Proença que fala das suas obras enquanto a câmara está em permanente rotação – porque a disposição das suas peças provoca esse tipo de movimento do olhar –, ou ainda a divertida entrevista a Pedro Cabrita Reis que dispensa do espaço do museu e acontece ao balcão de uma taberna), a manipulação das cores da imagem (possível pelo suporte vídeo) que se saturam ou que se esvaem, sobrando apenas o vermelho das camélias de Serralves, etc.

TV Artes foi, por tudo isso, um programa que teve tanto de experimentação como de divertimento (algo que já acontecera com a série *Binário* igualmente dedicada a "outra arte", nesse caso a música). José Nascimento aproveitou as liberdades formais do programa "pré-formatado" para pôr em marcha o seu gosto pela provocação e o que daí resultou foi um *magazine* onde se evidencia uma relação de igual para igual entre a câmara e o artista/obra que se filma. Coisa rara.

Ricardo Vieira Lisboa